



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Aksa França Gonçalves

A (in)visibilidade da mulher no cenário nacional do rap.

Rio de Janeiro

2018

Aksa França Gonçalves

A (in)visibilidade da mulher no cenário nacional do rap.

Monografia apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Gerência em Saúde.

Orientador(a): Anna Violeta Durão e Flávio Paixão

Rio de Janeiro

2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) pelo apoio institucional.

Agradeço aos meus orientadores, com quem compartilhei ideias e construções. Por todo momento que me deu o suporte necessário para realização não só deste trabalho, mas também para minha construção pessoal.

Agradeço a minha família e amigos que em todo momento me incentivaram à não desistir. A eles devo toda a finalização deste trabalho, sendo assim muito grata por esses laços que me fazem ser quem sou e que me levaram a realizar esta incrível pesquisa.

Dedico este trabalho à minha liberdade que me faz transbordar
por meio do saber.

*"Mulher, liberte-
se de tudo o que
cala tua voz."*

(Desconhecido)

RESUMO

Esta pesquisa tem como finalidade estudar o cenário nacional do rap focando na vertente feminina como centro dessa produção musical. Sabe-se que para as mulheres em todo âmbito de trabalho é necessário um esforço muito maior em busca de reconhecimento do que é para os homens. E é exatamente neste ponto que este estudo pretende trabalhar. Entender essa diferença que vai além de uma desigualdade de gênero, e que se trata também de uma luta de classes, onde, existe uma classe predominante nesse estilo musical que utiliza as composições como forma de denúncia e relato da realidade vivida.

Desta forma, essa pesquisa usará uma perspectiva feminista para a abordagem e entendimento da construção no cenário nacional do rap. Entendendo a elaboração das músicas e a diferença de músicas produzidas por mulheres e homens. Por meio desse caminho será compreendido qual é a importância do feminismo para este cenário, entendendo como é a luta contra o machismo, buscando quais são os seus papéis e como o feminismo negro se dá nesse meio.

Palavras-chave: Gênero; Rap; Feminismo.

Sumário

INTRODUÇÃO	8
1- O HIP HOP NA HISTÓRIA	13
2- O FEMINISMO E A LUTA POR IGUALDADE	19
3- AS MULHERES NA BATALHA DO RAP	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS:	32
REFERÊNCIAS:	34
ANEXOS- MÚSICAS ANALISADAS	38

INTRODUÇÃO

Meu trabalho procura analisar a (in)visibilidade das mulheres no cenário nacional do rap. Vale ressaltar que esse apagamento não é total, pois existe a presença da mulher no rap, tanto como rappers e autoras de letras, quanto nas músicas produzidas pelos homens. No entanto, na maioria das vezes, o que ganha visibilidade é a forma machista e repressora como as representam.

A forma como as mulheres são facilmente idealizadas e objetificadas pelas composições musicais feitas por homens foi um dos aspectos principais que me levaram a pesquisar o tema. Como uma amante declarada pelo rap, percebi que pouco ouvia as vozes femininas no estilo musical que eu mais gostava. Questionei a minha militância feminista e busquei entender o porquê desse vazio. “Será que eu que não conheço tanto o rap, ou será que realmente são escassos os raps femininos?”

Esse estudo busca responder essa questão. Para além de uma monografia estritamente acadêmica, esse objeto de pesquisa me faz vibrar, me mobilizando a saber mais. Acredito que o estudo me permitirá uma melhor compreensão sobre as relações de gênero e, ao mesmo tempo, possibilita me descobrir por meio do tema.

Contextualizando o problema

O cenário musical brasileiro é repleto de ritmos diferenciados que fazem da música um meio de expressão para retratar a realidade social, como exemplo: o samba, o funk, o rap, entre outros estilos. São diversos os motivos pelo qual o cenário musical brasileiro carece de canais que sirvam como forma de libertação das marcas de colonização, do racismo, do machismo entre outras formas de subalternização presentes na vida da maioria da população. Esses canais de luta da classe trabalhadora e conseqüentemente sua cultura, em vários períodos históricos, foi subalternizada e suas representações sociais marginalizadas. Em grande medida, no senso comum, entende-se cultura como uma esfera separada da realidade, na qual prevalece os valores de uma classe dominante. Assim, é por meio dela que se busca manter um status cultural que reflete uma imagem da realidade que muitas das vezes não condiz com os modos de vida da maioria da população, como destaca Maria Elisa Cevalco (2017, p.25) “A cultura é o retrato, a interpretação e a criação do que chamamos de sociedade. Uma de suas funções primordiais é exatamente a de manter o status quo, azeitando o funcionamento do sistema.”

A forma como a autora descreve o conceito de cultura diz respeito a marginalização das representações sociais de uma determinada classe social, pois, no “azeitamento do sistema”, a sociedade acaba representando a visão de mundo da classe no poder. Isso porque, muitas vezes, ocorre uma ideologia cultural, mas nunca um total silenciamento, em outras palavras, as culturas subalternizadas dessa sociedade podem muitas vezes aderir a visão dominante, mas não é completamente calada. Dessa forma, as lutas continuam e tentam, em meio ao seu silenciamento, resistir e demonstrar a existência de uma cultura diferente da ideologia disseminada.

Consequentemente, observamos que a arte também é uma forma de resistência de muitas lutas que tentam ser caladas. A arte chega para abrir os olhos de quem não enxerga o todo de forma clara. Serve, dentre outras finalidades, para expressar os modos de existência e luta daqueles que foram esquecidos em sua história e foram silenciados no seu dia a dia. Nesse sentido, pode se dizer que as formas de lutas se dão às vezes de forma sutil, às vezes de forma bruta. O rap faz parte desse movimento reivindicativo da arte, pois desde o princípio veio/vem para dar voz e reconhecimento social à realidade das periferias, tanto no mundo, quanto no Brasil. Como destaca Matsunaga (2008, p. 109):

Jovens negros e latinos, frente ao desemprego e a violência, (re)elaboraram suas práticas culturais e iniciaram manifestações artísticas que permitiram a construção de um sistema simbólico que orientava suas vivências e atitudes forjando o que posteriormente foi chamado de movimento hip hop.

É claro que assim como todo estilo musical expressivo, o rap não apresenta uma vertente só, existem vários caminhos para sua exposição de ideias, isso porque algo que é expressivo e apresentado por várias pessoas diferentes não teria como ser uniforme.

Vale acrescentar que o rap é uma das manifestações artísticas do movimento hip hop que nasce de uma mistura de ritmos e culturas. Esse movimento é composto por elementos que abarcam a dança (break), o grafite, os DJ e os mc's. Buscava, tanto distrair os jovens da década de 70 por meio de sua festa de rua, quanto dar uma nova alternativa de integração para essa população. No livro intitulado “Acorda Hip Hop” isso é deixado bastante evidente pelo autor quando destaca: “a ideia é transformar positivamente o comportamento dos integrantes de gangues de rua” apresenta Sérgio José de Machado Leal (2007, p.25). Com efeito, esse

movimento expandiu-se mundialmente, dando espaço para os jovens expressarem a sua criatividade, denunciando as discriminações de classe e raça (WELLER, 2005).

No entanto, como já salientado, para as jovens mulheres a entrada no hip hop ainda é um desafio por ter se constituído como um ambiente culturalmente masculino, caracterizado como um movimento de rua. Nesse sentido, a contraposição público/privado, na qual tradicionalmente o espaço privado ficou a cargo das mulheres, também dificulta a sua inserção, como afirmam Rodrigues e Menezes (2014) a própria família não aprova a entrada da jovem nesse contexto cultural.

Assim, o reconhecimento feminino no espaço nacional do rap tem se constituído muito lentamente, aliás como em grande parte da esfera do mundo do trabalho. Segundo Santos (2012, p.3):

A quantidade de homens que cantam rap no Brasil é maior que o número de mulheres. Para as pessoas do sexo feminino serem cantoras nesse cenário musical elas enfrentam preconceitos de gênero e, por isso, utilizam estratégias culturais para conquistarem reconhecimento artístico e social no rap.

Acreditamos, como também sinalizam Rodrigues e Menezes (2014), que apesar da hegemonia masculina no movimento hip hop, o rap pode ser um elemento de visibilidade e participação para as mulheres, sendo uma importante mediação para se entender à experiência das mulheres jovens na atualidade.

Notamos que quando se trata de um rap nacional produzido por mulheres periféricas, a escassez de referências popularmente conhecidas é ainda maior. O que é bastante penoso não só para o cenário do rap e, conseqüentemente, da música, mas também para o enfrentamento de questões que perpassam o seu dia a dia, silenciando, dessa forma, a expressão feminina.

Além dessa falta de reconhecimento, ainda existe a exaltação e o fortalecimento do machismo em diversas letras do rap que normalmente fazem “sucesso”. Assim, soma-se à invisibilidade, o fortalecimento do machismo que violenta, fragiliza e expõe extremamente as mulheres.

Vale a pena ressaltar que apesar de muitas conquistas das mulheres nas últimas décadas, vem se assistindo no cenário nacional um amplo movimento conservador que reforça o papel da mulher na esfera privada que tende a reproduzir os estereótipos de gênero.

Entendemos que gênero é uma construção social que difere de sexo, pois esse último diz respeito ao fenômeno biológico. Nesse sentido, a feminilidade não diz respeito a uma natureza inata das mulheres, “mas o resultado do trabalho de pressões, constrangimentos e expectativas sociais” (MIGUEL; BIROLI, 2014, p.)

Esta pesquisa analisará, por um lado, quais são os limites e as possibilidades das mulheres terem maior visibilidade no mundo do rap e, por outro, estudará a importância do feminismo nessa luta diária das mulheres em busca do seu lugar tanto no estilo musical, como também perante a vida. Assim, esse trabalho vai ao encontro do pensamento de autoras, tais como: Rodrigues e Menezes (2014, p. 706) para as quais a manifestação feminina nas letras do Rap:

(...) são uma das formas das jovens mulheres falarem de suas experiências, suas situações de vida e, assim, assumirem autoria sobre suas vozes e vidas. Estudar as letras de Rap de jovens mulheres torna-se relevante pela possibilidade de dar voz a essas jovens, valorizando o pensamento e a experiência delas.

OBJETIVOS

Objetivo geral

- Analisar a (in) visibilidade das mulheres no cenário nacional do rap.

Objetivos específicos

- Entender a importância do feminismo no mundo do rap;
- Compreender a importância do feminismo negro e as desigualdades sociais no rap;
- Analisar as expressões do machismo e da luta contra o machismo no mundo do rap;

METODOLOGIA

A pesquisa fará uma abordagem qualitativa, utilizando tanto a bibliografia mais ampla que aborda as questões de gênero e raça, quanto a bibliografia específica sobre o rap, considerando as desigualdades sociais que perpassam essas questões. Para tanto se consultará as bases de dados indexados no Google Acadêmico. Pretende-se ainda fazer um estudo das letras de músicas que contribuem para compreender a temática proposta.

Para analisar as relações de gênero no mundo do rap, categorizamos cinco letras compostas por três mulheres rappers que utilizam o discurso feminista para o enfrentamento

da opressão por elas vivenciadas. Em contraponto buscamos duas músicas compostas por homens que relatam explicitamente o machismo. Optamos pelas artistas femininas: Karol Conká, Mc Carol e Drick Barbosa¹ e masculinos: Emicida e Gabriel O pensador. Categorizamos as letras tendo como eixo de análise as variantes de gênero e raça, considerando que várias pesquisadoras que se debruçam sobre o tema (Hirata Kergoat, Matsunuga (2006), entre outras) vem destacando a necessidade de se entender o feminismo transversalidas por essas questões.

O texto da monografia será desenvolvido em três capítulos acrescidos das considerações finais.

No primeiro capítulo recuperamos a história do hip hop, entendendo as bases que estruturaram esse movimento cultural. Nesse processo, buscamos entender como se deu a sua formação, enfocando a origem dos seus vários ritmos, bem como dos grupos sociais que o constituiu. Visamos também compreender as suas diferentes vertentes e os seus elementos, que são: a dança, o grafite, os mc's e os djs. Queremos com isso lançar luz sobre a importância de um movimento que tem sua origem na periferia que nasce do desafio de ser um espaço de expressão e de lazer para os jovens e ao mesmo tempo de luta por melhores condições de vida.

Esse esforço é fundamental para chegar ao rap nacional que entendemos ser uma extensão do movimento mais amplo do hip hop. Por fim, iremos recuperar como se deu a inserção das mulheres no rap, percebendo como as mulheres eram e como ainda são representadas nesses meios.

No segundo capítulo, resgatamos brevemente a história do feminismo e suas principais conquistas, com destaque no protagonismo do feminismo negro. Também nesse estudo desejamos entender como se dão as relações de gênero no rap e como elas se manifestam nos raps produzidos por mulheres e por homens.

No terceiro capítulo, de base mais empírica, buscamos analisar as músicas, previamente selecionadas, relacionando-as com os conceitos abordados nos capítulos anteriores. Buscamos evidenciar os determinantes sociais que impedem uma maior expressão das mulheres, bem como as formas de enfrentamento. Analisamos também ranking das músicas que mais fazem sucesso no mercado, compreendendo o espaço da mulher nesse contexto.

1- O HIP HOP NA HISTÓRIA

O hip hop surge na década de 70 nos guetos de nova Iorque, por meio de uma mistura de ritmos e culturas, que tem, em sua maior parte a influência jamaicana. É importante ter esse resgate histórico pois, na arte, muita das vezes algo surge com forte influência de um determinado lugar, mas acaba acontecendo em um outro. E foi exatamente isso que aconteceu com o hip hop. Pode-se perceber toda a importância dessa nação para a construção desse movimento como destaca Thífani Postali (2007, p.1)

Havia um grande número de jamaicanos, que levavam em sua bagagem a cultura das festas de rua, geralmente animadas pelos sound system - grandes carros de som, semelhantes aos nossos trios elétricos, responsáveis pela disseminação do reggae naquele país - em que mesclavam diferentes manifestações artísticas que incluíam a música e a dança, a poesia também a pintura.

Além dessas referências gerais, também podemos perceber relações mais específicas como o **toast**, como apresenta Sérgio José de Machado Leal (2007,p.24)

Toast é um termo que resume uma tradição do reggae que consiste em os músicos falarem e cantarem de improviso sobre trechos instrumentais. Criado no fim dos anos 60 pelo dj jamaicano U.Roye a sua equipe de som El Paso o toast ganhou a Jamaica, tornando-se depois um dos elementos fundamentais para a construção musical do hip hop.

Em meio a todas essas referências culturais o hip hop caminha para seu surgimento. Esse novo movimento acontece nos bairros negros e periféricos, mais precisamente no Bronx, Brooklyn e Harlem, onde, reinava nessa época a violência, o tráfico de drogas e falta de infraestrutura social. No meio de toda essa complexidade, ao mesmo tempo que existe uma necessidade de diversão para esses jovens que se encontravam naquelas circunstâncias, existia também a necessidade de um movimento social que por meio da arte ajudasse nessas questões. E assim, o hip hop chega para suprir essas necessidades. A grande questão social do hip hop era de dar uma nova oportunidade para aqueles jovens. Mostrando que, por meio da arte é possível transmitir mensagens sérias e relatando o cotidiano, assim como, é possível se divertir. Nesse sentido, também nascem as vertentes do hip hop, pois esse movimento representativo pode ser feito de diversas maneiras e pode transmitir diversas coisas. Vertentes essas que, como apresentadas de diferentes formas, como a vertente do hip hop de visão, que está ali para transferir uma mensagem, algo mais sério e retrativo das vivências que ali são apresentadas, e também o hip hop denominado como vertente de ostentação, feito mais para uma diversão. Apresenta Marcos Alexandre Bazeia Fochi (2007, p.2)

Além de estratégia para atrair os jovens e conter disputas e violência entre as gangues, a música, dança e arte do hip hop, funcionam como elementos de promoção da

cultura. Para fazer as letras, inventar novos passos de dança e expressões artísticas, é preciso conhecer a realidade, conhecer história, estar engajado. Dessa forma, promove-se a conscientização e a inserção social dos indivíduos - ou pelo menos, inserção e conscientização quanto à dura realidade que se encontram.

O movimento une 5 conceitos que através deles é possível existir o hip hop. Dentro desses conceitos temos: a dança, que é chamada de break, as artes plásticas, que são conhecidas como o grafite, as mixagens que remetiam aos djs e pelos mestres de cerimônia que rimavam em cima dessa sonoridade, os também conhecidos como mc's. Além desses, temos o 5º conceito que seria a consciência. O hip hop por ser um fluxo social e cultural tem o dever de retratar e transmitir com consciência seu conteúdo.

São diversas as vias que foram utilizadas pelo hip hop para cumprir com seu objetivo principal, que era de afastar os jovens do cenário de violência através da arte. A dança é uma opção muito importante para esse contexto pois é possível trabalhar dentro dos jovens uma competição saudável e assim, distrair os jovens para que não acontecesse os conflitos, como apresenta Marcos Alexandre Bazeia Fochi (2007, p.2) “Por meio da dança, no intuito de conter as brigas que aconteciam nas ruas. Assim, incentivavam a dançar o break, no lugar de brigar...”. A energia que antes era centralizada para disputas de poder e brigas, agora passa a ser centralizadas no aprendizado de coreografias que afastavam a violência e aproximavam a diversão para aquele cenário. O grafite era outra forma de expressão que conforme os jovens iam aprendendo técnicas e formas novas iam se distraindo e evoluindo mais na forma de transmitir sua arte, continua Marcos Alexandre Bazeia Fochi (2007, p.2). “[...] a desenvolver o grafite como forma de arte, e não para demarcar territórios. As gangues transformavam-se em grupos de dança e grafiteagem, e as disputas entre elas foram se transformando em função disso.”. Os Dj's estão completamente relacionados a conduzir a vibe da festa, por meio das suas mixagens que dão vida a dança, coordenando a sonoridade dos movimentos. Já os Mestres – de - Cerimônia tinham função de animar o público. A consciência, é inserida por meio da responsabilidade de propagação da arte, tendo em vista que o hip hop nasceu também para fins sociais.

No Brasil o hip hop chegou por meio de pipocos culturais referente a uma influência de Nova Iorque na década de 80. Por conta de uma falta e limitação nos meios comunicativos era difícil o tráfego de informações vindo de lá, que era o berço do hip hop. Mas mesmo assim, existiam algumas pessoas que tinham condições de ir em Nova Iorque e que traziam fotografias, ou recortes dos jornais, discos e assim espalhavam a cultura extraída de lá. Os

jovens ainda tinham como base os filmes que retratavam esse novo movimento cultural e que aqui faziam sucesso.

Por meio do documentário “Nos tempos da São bento” é possível compreender que a forma como a cultura do hip hop se estabeleceu em uma das metrópoles mais importantes do Brasil. Concluindo que o que mais teve destaque em São Paulo foi o break. O break em São Paulo foi o ponta pé inicial para o surgimento mais para frente do rap e outros elementos da cultura do hip hop. Como o break era algo totalmente novo, pela distância os brasileiros tiveram a necessidade de utilização da criatividade brasileira para construção do que seria o “break brasileiro”.

Em São Paulo, um dos berços principais para a construção desse movimento foi a estação de metrô da São Bento. A estação era o ponto de encontro para aqueles que queria aprender, evoluir ou até mesmo para aqueles que só queria prestigiar o que seria a novidade no país. Como Thífani Postali (2007, p.50) apresenta “Os eventos de dança de rua aconteciam ao som da música importada.” O break foi ganhando um espaço tão grande e especial em São Paulo que passaram a existir grandes disputas entre os milhares de grupos que existam. A popularidade do mesmo estava tão em alta que até em abertura de novela o break deixou seu rastro.

Com o passar do tempo esses encontros foram ganhando novos participantes, não era só a dança que fazia com que as pessoas se reunissem ali. Também existe um movimento muito forte de movimentação de pessoas “saindo” do break e migrando para virar um dj ou um mc. Nesse momento, as rimas e sonoridades passaram a acompanhar também a dança, onde, uma coisa vai levando a outra. Como Thífani Postali (2007, p.50) apresenta “os b.boys começaram a experimentar rimas próprias. ”

No Rio de Janeiro, a cena do hip hop era mais focada no rap. “O termo rap nem sempre foi conhecido somente como gênero musical. Existe como verbo na língua inglesa com o sentido de “contar” ou “falar” (POSTALI, 2007, p.56). E para a compreensão desse contexto no Rio o documentário “O som do tempo” foi utilizado como base de estudo. Que retratou que, foi por meio de festas e festivais, que a cultura do hip hop veio ganhando vida na cidade maravilhosa. Em seu princípio o intuito era de propagar diversão, assim, contavam com djs. E ao mesmo tempo naquele ambiente eram expostas questões sociais por meio de rimas que rolavam na hora. As festas em seu princípio eram sem intuito de muita coisa, um encontro

simples que ao longo do tempo foi atraindo cada vez mais pessoas e modificando sua forma. De festas à batalhas de conhecimento, usando espaço público para entreter a população.

É importante compreender que o momento político estava favorável ao rap, tendo em vista a insatisfação da população com o governo, com fortes expressões de um movimento “Fora Collor” também, a chacina da candelária. Era necessário tirar as pessoas da estagnação, alimentando um senso crítico na população.

O rap ele tem um papel muito importante na evolução social, no sentido de possibilitar a discussão de assuntos que precisam ser tratados como o machismo, racismo, a consciência de classe e outras questões sociais. É claro, que um movimento cultural que busca estimular o pensamento da população, os tornando mais crítica não é interessante para o governo. O governo precisa de uma população silenciada, que acate tudo que o governo queira fazer.

De qualquer forma, o rap resistiu à todas as repreensões relacionadas ao mesmo. Resistindo e promovendo cada vez mais uma cultura de diversão, troca de ideias e conhecimento. É preciso estabelecer a relação de importância desse novo movimento cultural que paira sobre o país e promove uma movimentação na cultura nacional. Nasce um espaço cultural diferente, com valorização de uma cultura diferente que remete a rua e utiliza a mesma para se expandir.

A arte possibilita de uma forma, muitas vezes sutil o debate de questões que são importantes para a sociedade como um todo. Assim, entramos nas questões da mulher no cenário nacional do hip hop e em seguida do rap.

A presença das mulheres no movimento hip hop é silenciada em todo momento. Desde o início do movimento, por meio dos livros abordados nessa pesquisa, que buscam compreender o começo do hip hop, não existe a presença das mulheres como protagonista. Ainda, em função do processo histórico de “prisão feminina” as mulheres que apareciam nesse movimento, eram associadas como se fossem um dos objetos masculinos que ajuda na construção do seu ego. A mulher estava ali presente para saciar os homens, como o ouro e a prata estavam, presentes em clipes e versos. Além dessa associação a um objeto a mulher ainda era desvalorizada. Existia ainda a idealizada onde os padrões corporais e comportamentais reinavam a respeito das mulheres.

No documentário “Nos tempos da São Bento” a presença das mulheres é praticamente nula comparada às dos homens, enquanto foram entrevistados uns 30 ou mais homens, foram

apenas umas 5 mulheres que aparecem em todo o documentário, o que é contraditório, tendo em vista que existiam grupos de muitas mulheres que dançavam break, participavam de todo o movimento. Mais contraditório ainda é como em todo momento o documentário faz uma crítica ao esquecimento histórico que assombra o Brasil, mas que não se deu o trabalho de satisfazer a construção histórica de forma suficiente a relatar a parte feminina contribuinte ao hip hop no Brasil.

Já no documentário “O som do tempo” existe uma separação das pautas importantes. Dentre essas discutidas e apresentadas temos a questão da mulher no cenário nacional do rap. As mulheres apresentam que em nenhum momento existiu uma abertura dos homens nesse âmbito para que elas pudessem contribuir para o rap e sim uma imposição como acontece até hoje. O cenário do rap nacional sempre foi hostil para as mulheres.

Em primeiro momento nas batalhas que aconteciam as mulheres que ousavam participar tinham que escutar comentários absurdos e machistas em um ambiente que era rodeado por homens. O que, é claro, não dava as diversas mulheres que queriam participar desse ambiente uma liberdade suficiente para as mesmas. Isso, quando as próprias mulheres em suas rimas não reproduziam um discurso machista. O que, complica ainda mais a inserção das mulheres nesse meio, tendo em vista que o número de mulheres comparado ao de homens é muito menor.

Das batalhas aos artistas de destaque no meio do rap, sempre temos os homens em maiores números. Assim também, as músicas que fazem mais sucesso são músicas produzidas por homens onde em boa parte ou contém letras machistas ou uma idealização da mulher.

A permanência da mulher nesse cenário é sinônimo de resistência e luta, onde, só existe dois caminhos a serem traçados. O primeiro é do submissão e aceitação de estar ali em alguns refrãos sem ter um protagonismo. E o outro é o de ir contra a maré em busca de reafirmar as questões feministas por meio do rap. A urgência do protagonismo da mulher no cenário nacional do rap vem justamente a essa necessidade de debater as questões machistas que ainda tem um grande espaço.

A desconstrução do machismo será por meio do fortalecimento do feminismo no meio do rap, por isso é tão importante que existam letras femininas que abordem cada vez mais a presença e a valorização das mulheres nesse meio.

Outra questão importante é a construção das mulheres por meio da arte. As mulheres precisam se enxergar como protagonistas da construção artística do rap.

É claro que já existem mulheres que fazem isso, e por meio dos próximos capítulos, será possível compreender essa construção em suas músicas.

2- O FEMINISMO E A LUTA POR IGUALDADE

A luta por igualdade é uma questão que acompanhou/acompanha as mulheres por um longo período histórico, podendo-se afirmar que o desejo de uma democracia radical se insere na própria definição do que é o feminismo.

O feminismo é a própria democracia que queremos, mas uma democracia profunda, que começa colocando a questão dos direitos das mulheres e avança, interrogando a urgência dos direitos de todos que sofrem sob jugos diversos, em cenários nos quais o poder capital estabelece toda forma de violência das mais sutis às mais brutais. (TIBURI, 2018, p. 46)

É importante ressaltar que o movimento feminista aconteceu por meio de problemáticas relacionadas às mulheres que foram subalternizadas no plano social, político e econômico que foi surgindo em diferentes lugares e em diferentes datas de uma forma heterogêneas. Assim, a Igualdade ainda é a palavra chave para o grande propósito da luta diária que rodeia as mulheres, isso porque em todas essas áreas ela ainda não foi alcançada e está longe de ser, “[...] como apresenta a PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, de 2007, diz que a equiparação de salários só deve acontecer daqui a 87 anos, para mulheres e homens que executam as mesmas funções.”

Entre as principais conquistas do movimento feminista podemos destacar a conquista pelo voto e a possibilidade de ser votada. Tendo em vista que apenas votavam os homens locais, as mulheres por sua vez, não eram consideradas como contribuintes para decisões de uma sociedade até então, poder contribuir para decisões era algo que só os homens faziam.

Outro ponto de luta que vale a pena destacar é a possibilidade de as mulheres estudarem. As mulheres não tinham muita perspectiva de vida, ficando na maioria das vezes restritas ao trabalho doméstico, cuidando da casa, dos filhos e tendo que aturar seus maridos. Assim, por meio dos estudos foi possível ter uma nova visão do mundo e novas perspectivas de vida. Mas ainda que com algumas conquistas, a desigualdade entre homens e mulheres ainda hoje é gritante.

Os dados apresentados pela PNAD reforçam a desigualdade persistente na área de trabalho, onde, mesmo as mulheres fazendo as mesmas atividades que os homens, ainda assim,

muitas das vezes não alcançam o mesmo reconhecimento que eles, em outras palavras, mulheres ainda ganham menos simplesmente por serem mulheres. Dentre essas e outras coisas fica notório que essa questão não é apenas um desequilíbrio social, trata-se de uma desigualdade de gênero. Por meio da discussão apresentada por Flávia Biroli e Luis Felipe Miguel (2014, p.80)

[...] O gênero “é a organização social da diferença sexual”, o que não significa que reflita algo fixo; ao contrário, “gênero é o conhecimento que estabelece sentidos para as diferenças físicas”. Entendido dessa forma, gênero não é uma “identidade”, mas uma “posição social e atributo das estruturas sociais.

O conceito de gênero ganhou força, principalmente nos anos de 1980, sendo compreendido como uma categoria de análise que permitia “revelar as diferenças sexuais e os papéis sociais a partir das significações históricas e socialmente construídas e designadas, de modo relacional, por mulheres e homens (o que o aproximou) da perspectiva da história cultural que procura identificar de que modo, em diferentes lugares e momentos, a realidade social é construída, pensada e lida. Assim, os papéis normativos, os comportamentos atribuídos a homens e mulheres e a relação entre os sexos não são discursos neutros, mas representações construídas repletas de significações e relações de poder” (SCOTT apud GONÇALVES, 2006, p. 73-74).

O conceito de gênero ainda desnaturalizava as diferenças entre homens e mulheres, pois “...a relação entre os sexos não é, portanto, um fato natural, mas sim uma interação social construída e remodelada incessantemente, nas diferentes sociedades e períodos históricos” (Samara apud GONÇALVES, 2006, p. 74)

Dessa forma, pode-se entender que gênero remete a como uma determinada pessoa se constrói ao longo de sua vida, socialmente. Como diz a famosa frase de Simone de Beauvoir, “ninguém nasce mulher, torna-se”. A construção social da mulher foi baseada durante muitos anos em bases patriarcais, onde a mulher é vista como segundo plano não tendo uma existência plena e, também, durante um longo período histórico, sem voz ou poder político. Como esclarece Tiburi (2018, p. 26-27) o patriarcado:

(...) é um sistema profundamente enraizado na cultura e nas instituições. (...) Em sua base está a ideia sempre repetida de haver uma identidade natural, dois sexos considerados normais, a diferença entre os gêneros, a superioridade masculina, a inferioridade das mulheres e outros pensamentos que soam bem limitados, mas que ainda são seguido por muita gente.

Nesse contexto, conseguir se libertar desse resquício de “ser sombra” é um processo muito difícil até hoje para as mulheres. Trata-se de um processo de desconstrução social e pessoal. Como analisam Birolli e Felipe (2014, p.81); “A mulher em nome de quem se fala é, ela mesma, produto das relações de dominação que deseja abolir.” Em razão disso, a influência histórica de silenciamento, muitas vezes, interfere na sua própria visão de mundo. Nesse sentido, a luta contra essa bagagem cultural se torna fundamental para romper com a status quo que ainda influência em muitos aspectos a vida das mulheres.

Assim, é através do entendimento das relações sociais que as mulheres foram submetidas desde sempre que conseguimos compreender melhor o cenário de hoje. Por meio do estudo da história é possível perceber a (in)visibilidade das mulheres em vários momentos. Apesar do seu protagonismo em estudos, nas pesquisas, nas artes e em outras áreas do conhecimento, raramente foram/são destacadas ou lembradas por suas conquistas. As mulheres estavam lá, mas a forma como são representadas pela história é como se fossem apenas figurantes e não principais como de fato foram. Enfim, as mulheres construíram a história tanto quanto os homens, mas não é isso que é ensinado. Raquel Soihet (2007, p. 4) esclarece esse apagamento:

(...) a disciplina História é certamente a que mais tardiamente apropriou-se dessa categoria, assim como da própria inclusão de ‘mulher’ ou de ‘mulheres’ como categoria analítica na pesquisa histórica. A trajetória, costumeiramente ‘cautelosa’, dessa disciplina, e o domínio do campo por determinadas perspectivas de abordagem, retardaram significativamente o avanço das discussões. Grande parte desse retardo se deveu ao caráter universal atribuído ao sujeito da história, representado pela categoria ‘homem’. Acreditava-se que, ao falar dos homens, as mulheres estariam sendo, igualmente, contempladas, o que não correspondia à realidade.

Assim, a grande questão da invisibilidade é justamente as marcas históricas que foram apagadas, a questão de não se ver como protagonista de uma história que também foi composta por mulheres é doloroso, porém, motivador. Motivador, pois traz novas frentes de mudanças que devem ser feitas para que conquistem o espaço que merecem e para que se estabeleça uma sociedade mais igualitária. Para que no futuro, as mulheres que lá estejam vivendo reconheçam-se nesse passado de lutas e possam se enxergar como agentes desse percurso. Em grande medida, o esforço feito nesse trabalho visa suprir essa lacuna.

Para tanto, é necessário compreender a existência dos feminismos que se inicia de uma forma singular, mas que hoje em dia apresenta uma pluralidade. Pode-se dizer que a singularidade do feminismo foi construída no que foi chamado de movimento da segunda onda

que tinha como principal pauta de luta a sexualidade das mulheres e as formas de opressão no espaço doméstico. Movimento que se originou na Europa e nos Estados Unidos no final de 1960 e que se espalhou por diversos países. No entanto, já naquele momento se colocava em questão as diferenças presentes no denominador comum mulheres, pois existiam reivindicações específicas no que dizia respeito a raça e de classe. Alvarez (2014, p. 17) analisa que, atualmente, no Brasil presencia-se “(...) o fluxo horizontal dos discursos e práticas de feminismos plurais para os mais diversos setores paralelos na sociedade civil, e a resultante multiplicação de campos feministas.”

Essa necessidade da pluralidade do movimento feminista está diretamente relacionada a necessidade de representar lutas que são distintas e que ocorreram de forma diferente. Um exemplo disso é a diferente construção do feminismo negro e do feminismo branco. Ambos lutam por uma vertente em comum que é a questão da igualdade da mulher em todos os âmbitos, porém a construção social de uma mulher negra e uma mulher branca é completamente diferente. A questão que se coloca é como manter a unidade na diferença, ou seja, como analisar a pluralidade não fragmentando o movimento mais amplo da luta pela igualdade. Nesse sentido, algumas autoras (Kergoat 2016, Hirata 2014) vem salientando a necessidade de entender as lutas feministas consubstancializadas, em outras palavras, atentando para as diversas mediações, tais como: gênero, raça/etnia e classe que permeiam a luta por uma sociedade mais igualitária.

As palavras que marcam a diferença entre o feminismo negro e o feminismo branco são consecutivamente sobrevivência e submissão. Isso porque, antes mesmo das mulheres negras lutarem pelas suas questões feministas, durante um longo período as mesmas tinham como primordial de sua preocupação a sobrevivência. Por consequência de anos de escravidão não foi permitido às mulheres negras abordarem as questões sociais a serem abordadas da mesma forma que foram para as mulheres brancas. As mulheres brancas por sua vez, partiram do princípio ao feminismo de submissão. Como apresenta Bebel Nepomuceno (2012, p.385) “Uma vez abolida a escravidão, impuseram-se as dificuldades de inserção dos ex-escravos, homens e mulheres, na “nova” sociedade. Começa aqui, em evidente desvantagem, nossa história das mulheres negras. ” De fato, a questão das mulheres negras vem de um silenciamento histórico duplo, por serem negras e mulheres.

Desde salários muito mais baixos à um nível também baixo de escolaridade, referente as mulheres brancas, as mulheres negras lutavam contra um sistema que em todo momento as

silenciava. Foi por meio da ascensão social criada pelos movimentos negros que foi construindo por meio de forças cada vez maiores, uma trajetória mais digna não só para as mulheres negras, mas também para todos os negros. Caso exemplar dessas conquistas foi a implantação das cotas no nível superior que apesar de ainda ser muito reduzido apresentou um crescimento nos últimos anos, como explicita Napomuceno (2012, p.394) “nos primeiros anos deste século, o número de estudantes negros e negras em cursos superiores em relação aos números registrados nas três últimas décadas do século XX.”

Ainda assim, a dificuldade causada pelo preconceito em função do espaço que os negros vêm ocupando, dentro das universidades e da escola aparecem como um novo obstáculo. Durante todo esse processo existiu/existe uma grande batalha para que os negros pudessem ocupar os lugares que bem quisessem na sociedade. Deu-se também uma articulação entre os movimentos sociais e o movimento feminista como continua Bebel Nepomuceno (2012, p. 400):

Esse novo olhar feminista e antirracista, ao integrar em si tanto as tradições de luta do movimento negro como a tradição de luta do movimento de mulheres, afirma essa nova identidade política decorrente da condição específica da mulher negra. [...] ao trazer para a cena política as contradições resultantes da articulação das variáveis de raça, gênero, promove a síntese das bandeiras de luta historicamente levantadas pelos movimentos negros e de mulheres do país, enegrecendo de um lado, as reivindicações das mulheres [...] e, por outro lado, promovendo a feminização das propostas e reivindicações do movimento negro.

Além disso, outras estratégias foram e são utilizadas como forma de desabafo e inserção social como por exemplo a arte. Entende-se que a arte faz parte da cultura e como tal expressa os valores, mentalidades de uma determinada época e sociedade. São muitos os casos que, por exemplo, na música as mulheres negras foram desvalorizadas, construindo um estereótipo que atrelavam a sua imagem a sexualidade, a ignorância, feiura, entre outras formas de subalternização.

Contraditoriamente, a arte também é um pontapé para que as mulheres possam se empoderar, na medida em que possibilita dar voz e expressão daqueles que no dia a dia não conseguem ser enxergados. Esse diálogo entre a arte e questões sociais é necessário e também se constitui como um espaço de luta para a inserção das mesmas. A história assim como a arte, como vimos no capítulo anterior, dá conta de refletir e influenciar nas relações e expressões sociais presentes no cotidiano. A importância do feminismo para a arte, e assim, como é abordado nessa pesquisa, para o rap é justamente dar visibilidade e esclarecer as lutas que são

travadas no mundo social. O encontro do feminismo com a arte possibilita compartilhar experiências e ajuda no reconhecimento dos seus valores.

Nesse sentido, tendo o rap como instrumento da arte, é possível compreender seu papel fundamental ao construir um universo um tanto quanto paradoxal, onde é possível dar as mulheres um espaço para que as mesmas possam relatar suas vivências e se enxergar como protagonista, mas ao mesmo tempo trazendo as problemáticas que rodeiam o mundo do rap, que é em sua grande parte machista e composto por homens.

Nesse contexto, as mulheres negras têm um papel duplo na construção dos seus versos, primeiro é pela importância de trazer o feminismo negro para esse espaço, e a segunda pela construção por meio de suas letras valorizar das mulheres negras, conscientizando sua história e lembrando seus valores. O empoderamento por forma das letras é uma forma eficaz nos dias atuais de dar visibilidade a esses problemas, tendo em vista que o rap está em período de alta no mercado e que as questões sociais estão vindo à tona, sendo cada vez mais debatidas. Por meio da discussão do próximo capítulo será possível compreender melhor a luta e as contradições que envolvem a inserção das mulheres no rap.

3- AS MULHERES NA BATALHA DO RAP

A arte tem como uma das suas vertentes principais as representações humanas. Sejam elas, de suas rotinas, de seus caos, ou até mesmo de suas idealizações. É possível por exemplo, escutar uma música e visualizar aquela letra como reflexo da sua vida. Ou então, se imaginar dentro de uma letra de uma música, vagando assim no mundo da idealização. Essa empatia de ideais e sentimentos só é possível, pois elas também correspondem a vivências objetivas que são/foram compartilhadas.

A arte é fruto das representações humanas, isso é, ela é o reflexo da sociedade que quem produz quer expressar. Dessa forma, a música por representar e por dar voz há quem escreve pode ser uma das armas mais importantes para representatividade. E a representatividade é um dos pontos mais importantes para as causas sociais.

Por meio dos capítulos anteriores, é possível analisar que, a história das mulheres, principalmente negras foi marcada por confrontos para defender sua existência para assim, poder resistir. A música entra nesse processo de existência e resistência para que, através dos versos as mulheres negras possam retratar sua história, dando voz assim à sua vivência. O retrato de uma realidade por meio dos versos pode inspirar outras mulheres negras a também lidarem com a sua realidade, com suas questões como mulher negra e principalmente dando representatividade para as mesmas.

No entanto, como já assinalado, a arte também reflete as contradições da sociedade, daí o machismo e o racismo também estarem presente no movimento do rap. Medeiros e Silva (2018) analisam que embora o rap ser caracterizado como um movimento transgressor que expõe a opressão racial e social presentes na sociedade, sofreu fortes críticas das mulheres pelos termos pejorativos e sexistas com os quais elas eram retratadas. Segundo o estudo das autoras, a desvalorização das mulheres está presente sobretudo no estilo gangsta, no qual há a valorização do crime, das drogas e do sexo, indo de encontro ao viés revolucionário através do qual o rap se popularizou. Nesse cenário, resumem como as mulheres foram sendo representadas:

Muito da música e muitos videoclipes, especificamente, transmitem, promovem e perpetuam imagens negativas das mulheres negras. Todas as mulheres, ainda mais as mulheres negras em particular, são vistas na cultura hip hop popular como objetos sexuais. [...] Mulheres são descritas como servindo apenas para o sexo por rappers que descrevem levar uma vida de cafetão. Em muitas canções populares de rap, homens glorificam a vida de cafetões, se referem a todas as mulheres como imaginam

um cafetão se referiria uma prostituta, e promovem violência contra as mulheres “desobedientes (MEDEIROS e SILVA, 2018, p. 9-10) ”.

O uso desses termos, como vimos acima está relacionado a uma vertente de ostentação que acompanha toda história do hip hop, desde seu início. E terá como exemplo músicas que serão apresentadas mais à frente. A questão de ostentação remete as mulheres pois, a verdade é que para os homens elas são objetos de ostentação, como os carros e as joias. Para combater toda essa atmosfera machista é necessário que as mulheres ganhem cada vez mais espaço como protagonistas dessa cena. Toda essa dificuldade de diálogo e mudança na cena machista do rap também está diretamente ligada à como mcs que são renomados, extremamente conhecidos se portam mediante as questões das mulheres. Nesse sentido, tive o desprazer de escutar músicas como “Trepadeira” e “Lôrabúrri”. A primeira é do Emicida e a segunda do Gabriel O Pensador. A forma como as duas músicas apresentam a mulher é deplorável e levanta a certeza de que mesmo os homens que conseguem apresentar debates sociais bastante interessantes para o rap, ainda sim podem ser extremamente machistas.

O título da primeira música já chama atenção e ao longo dela pode-se perceber a comparação da mulher com a planta trepadeira, onde essa associação se dá pela vontade sexual das mulheres que em todo momento é reprimida. Existe também uma comparação da mulher com outras mulheres. Uma classificação de seu corpo pela perspectiva masculina. O papel da mulher nessa música está apenas ligado a uma desaprovação dos seus comportamentos pela visão do homem. A mulher nessas letras é humilhada e até ameaçada por não ser da forma como para os homens a mulheres tem que ser. Que seria, recatada, santa... A música em si chega a dar preguiça por tanta bobagem em cada verso.

Já na segunda música, seu título desvaloriza um tipo específico de mulher, no caso, as loiras. Em sua letra ele associa a mulher que tem um tipo corpo e forma de se vestir, a uma mulher sem capacidade intelectual e também deixa claro que esse tipo de mulher é apenas um objeto, e só servem para fazer sexo e depois serem dispensadas. Seu linguajar é completamente ofensivo as mulheres, ele as diminui e oprime. Confirmando a discussão acima da forma machista e opressora de escrita dos homens.

É nítida a diferença de um rap feito por mulheres que entendem o contexto machista que vivem e de grande parte dos feitos por homens, a necessidade dos homens de colocar as mulheres em suas letras como um objeto de uso apenas para saciar o ego..

Em contraponto a isso, temos mulheres incríveis que lutam de forma explícita em suas letras para combater e alertar as mulheres sobre o machismo. Como exemplo disso temos a música “100% feminista” da Karol Conká e Mc Carol. Que é exemplar da resposta das mulheres a sua desvalorização. A música relata a forma tanto física das agressões do machismo, como também a psicológica. A música traz essas questões de forma empoderadora, o que chama mais atenção ainda na letra. Alguns versos de destaque são:

Mulher oprimida, sem voz, obediente
Quando eu crescer, eu vou ser diferente.
Sou mulher independente não aceito opressão
Abaixa sua voz, abaixa sua mão.

Karoline dos Santos Oliveira (Karol Conká) que é de Curitiba tem 31 anos desde pequena teve interesse no mundo do rap, o que levou a mesma a participar de uma competição na escola de rap e ganhar. Daí por diante sua vida foi apenas se entrelaçando mais com o mundo do rap e hoje é uma rapper de destaque na cena. Já Carolina de Oliveira Lorenço (Mc Carol) tem 25 anos e nasceu em Niterói, ela é mais do funk, que tem uma importância muito grande para as questões da mulher no cenário musical.

As rappers denunciam a violência vivenciada pelas mulheres no espaço doméstico, colocando no debate público a experiência de sofrimento que vem se repetindo através de gerações:

Presenciei tudo isso dentro da minha família
Mulher com olho roxo, espancada todo dia
Eu tinha uns cinco anos, mas já entendia
Que mulher apanha se não fizer comida
Mulher oprimida, sem voz, obediente
Quando eu crescer, eu vou ser diferente

Outra forma de demonstrar o protagonismo da mulher negra no rap nacional e sua importância para a mudança com relação ao cenário machista foi a escolha da rap Drik Barbosa (Adriana) e suas músicas: Trincheiras e Camélias. A cantora paulista, Drik Barbosa (Adriana) de 25 anos para a análises de suas músicas. A rapper começou a atuar no mundo do rap por meio da “batalha de santa cruz” onde, teve sua porta de entrada para outros trabalhos. Por meio

de uma busca na internet foi contraditório perceber como relacionam o impulso de sua carreira utilizam apenas nomes masculinos de mc's. A contradição se dá justamente pela forma como seu sucesso, ou o sucesso de várias mulheres é sempre relacionado a presença de homens. Outra questão é a forma como falta informações sobre as rappers femininas.

Além dessas duas artistas ainda temos a presença do Slam das Minas na primeira música a ser abordada. O Slam das minas nasce em 2015 com intuito de dar mais visibilidade para as mulheres dentro do Slam BR. O movimento Slam tem como finalidade batalhas de poesias. A participação das mulheres no Slam vem tomando forma e crescendo, conseguindo assim alcançar vários estados brasileiros.

Primeiramente, o nome da música “Trincheira” já é algo que chama a atenção. Trincheira segundo o Wikipédia: “[...] é considerada um tipo de fortificação de campanha. Constitui-se em um abrigo elaborado mediante trabalhos de escavação para possibilitar o tiro a proteção e a circulação das tropas.” O nome da música refere a proteção e defesa que as rappers então assumindo. Proteção é a palavra chave para essa música, a todo momento existe uma valorização das religiões de matrizes africanas remetendo a sua proteção. Faz assim referência a amuletos e dialetos que remetem a proteção. A relação com seus ancestrais também é uma relação de extremo respeito e valorização.

Decorar dialetos em Yorubá
Cantar cantigas para Odoyá
E se preciso for
Fazer poemas, mandingas
Pra se auto resguardar (Trincheira, Drik Barbosa, 2018).

Não é ocioso destacar que as mulheres nos terreiros de religiões de matrizes africanas, desde o período colonial, foram responsáveis por processos de resistência da comunidade negra. Esses espaços mantiveram a tradição cultural desses povos, sendo as mulheres figuras importantes para a preservação da religião, dos costumes, dos valores e da tradição (ROCHA; ROCHA; E OLIVEIRA, 2016).

A figura feminina além da proteção mencionada, traz também a imagem de mulheres guerreiras que dão força para as lutas atuais. A figura da mulher é a um só tempo a de que (re) produz a ancestralidade, como também a que fornece o pão tanto objetivamente, quanto subjetivamente para as futuras gerações. Assim escreve:

Escrever para garantir o pão de cada dia
Pedir benção pra quem já garantiu o pão
Rezar pela cria que tá na barriga
São simples os caminhos
Da palavra proteção. (Trincheira, Drik Barbosa, 2018)

Nesse sentido, Drik Barbosa, chamando pelas suas ancestrais, pede as bênçãos à Iansã que é uma das representações do feminino nas religiões de matrizes africanas, tida como símbolo da mulher guerreira e audaciosa.

A mulher nessa música é o centro, blindada por sua fé, e dona de si, enaltecendo a todo momento o conhecimento das mesmas, não por acaso além das figuras religiosas evoca outras mulheres também representantes da resistência na música.

Relembrar e saudar quem veio antes
Angela, Conceição, Carolina,
Maria e Clementina
Sementes, buquês, Espertirina
Compor poesia combustão
Pra dar base aos pés e força nas mãos. (Trincheira, Drik Barbosa, 2018)

Utiliza assim a música como forma de resgate a sua história e caminho para as próximas que venham a escrever sem esquecer do seu passado, trilhando suas rimas em função da valorização do seu contexto. Dois versos que vão exatamente ao encontro a tudo que foi abordado nessa pesquisa são:

A sombra não me cabe e
O oco do meu sexo
Não define o eu pessoa
Silêncio não é uma palavra feminina.

Por meio desses dois versos é possível perceber a posição de fala que ela se coloca. Posição essa de destaque e não mais de sombra, onde o seu sexo não limita suas falas. Mulher não é sinônimo de silêncio e mesmo que por muito tempo isso foi regra, hoje em dia, existe uma luta diária e cultural das mulheres, contra isso. Esse trecho também remete a dualidade na qual foi construída culturalmente a oposição entre o masculino e o feminino, como por

exemplo o público X privado; forte X frágil; racional X emoção; entre outras dicotomias. Nesse sentido, quem tem voz é o masculino, bem como o seu sexo é oco, símbolo do vazio que tem de ser preenchido. No entanto, a artista se contrapõe a essa visão e em outra estrofe sublinha:

Que é poesia no toco
para encher o oco
A palavra me transborda a boca e escorre.

Longe do silêncio e do oco, sua voz ganha força com a poesia que longe de se dar no vazio, se faz presente no excesso da sua potência, como também das muitas vozes femininas que foram silenciadas durante séculos. Revida através da escrita a opressão:

Revide proteção
Escrita viva é munição
Mulher, palavra pro mundo
É quem dá a direção (Trincheira, Drik Barbosa, 2018).

Na segunda música escolhida da artista é necessário entender o título da música que é “Camélia”. Em uma entrevista Drik explica que a flor camélia é um símbolo abolicionista onde, a flor era utilizada como forma de reconhecimento entre os abolicionistas, para que pudessem saber quem poderia ajuda-los. A música em seu refrão fala a questão da liberdade dos negros, de não serem mais refém do mundo, não serem mais escravos. E da necessidade de se ajudarem entre si a se libertar.

Camélias dão voltas no mundo
Tirando as correntes dos punhos
Não sou mais escrava do mundo
Não sou mais refém desse mundo
Não. (Drik Barbosa, Camélia, 2018)

Por meio da música, Drik ainda faz muitas referências as protagonistas negras que a influenciaram a escrever esse rap e que a incentivam de uma forma geral, como a Beyonce, Kanye, Taís Araújo, Xica da Silva, Nina Simone, Alice Coltrane, Iza, Rael. É incrível a forma como ela retrata a sua história, com orgulho e enaltecendo aqueles e aquelas que estão

ou estavam no mesmo lado que ela. Sublinha, portanto, a necessidade de se encorajar a resistência fazendo da sua escrita e voz uma fonte de incentivo:

Várias negra drama tão sem incentivo
Ainda quer saber porque eu rimo?
O sistema é cruel e segue oprimindo
É por isso que eu digo o que digo (Drik Barbosa, Camélia, 2018)

A música também fala sobre a autoestima das mulheres negras. Lembrando a necessidade de não se culpar mediante a sociedade racista que em todo momento menospreza e desvaloriza as mulheres negras. É preciso resistir e compreender o valor das mesmas, entendendo a necessidade de se amar e de fazer com que outras pretas se amem também.

As duas músicas apresentadas trazem a narrativa protagonista da mulher negra. Mostrando também a pluralidade do feminismo e a importância da representatividade. Em ambas existem críticas a uma visibilidade que ainda não é concretizada. Existe uma noção de ambas, da mudança que realizam no cenário musical, porém ao mesmo tempo, uma sensação de impotência por um cenário social que ainda é extremamente machista.

Por isso, é importante a permanência das mesmas no cenário nacional para a visibilidade das mulheres negras e a luta diária contra todo esse cenário tedioso que ainda insiste em letras machistas e racistas. Lembrando sempre que será uma luta constante tanto para aquelas que estão ali como frente a esse movimento de resistência, quanto para aquelas que estão descobrindo seu valor como mulher negra e a importância de conhecimento e valorização da sua história.

Nós mulheres, seguiremos a defender nosso espaço e nossa igualdade no cenário nacional do rap, conscientizando também outras minas a importância de entender o contexto histórico de silenciamento que as mulheres foram impostas durante boa parte de sua trajetória. Seguiremos firme pois somos mulheres e não há nada que não possamos fazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O machismo está enraizado em nossa sociedade e nas mais diversas formas se fazem presente na sociedade e se não lutarmos contra essa forma de opressão a tendência é que ele continue a se expandir socialmente. A arte é um dos meios principais para essa propagação, tendo em vista que, em grande medida, espelha a sociedade. O machismo pode ser transmitido por meio da arte de diversas maneiras e os seus valores podem ser divulgados de forma explícita ou sorrateira.

Nas músicas, como é apresentado nessa pesquisa, a transmissão do machismo pode vir desde letras que idealizem ou menospreze as mulheres até de forma sutil como quando se verifica a presença de apenas homens na maior parte das produções. Isso porque, a invisibilidade da mulher também é uma face do machismo.

No rap nacional é exatamente isso que acontece. Além de boa parte das letras ser extremamente machistas é em sua maior parte composta por homens. Isso dificulta não só o protagonismo das mulheres no rap nacional como também a desconstrução do machismo. É claro que, existem figuras femininas e masculinas que tentam mudar esse cenário, porém, essa é uma luta árdua. Em primeiro lugar, porque as mulheres não são majorias. Em segundo, mesmo que os homens tenham a consciência do machismo e da necessidade de ele ser desconstruído é cômodo continuar na sua bolha “passando pano” para amigo mc machista.

É claro que, o silenciamento das mulheres vem se dando em várias esferas, não só no rap, considerando que essa construção é histórica. As mulheres desde sempre foram ensinadas a serem recatadas e se calar perante às questões sociais. Assim, o desmonte de uma visão do feminino que perpassa séculos não é um obstáculo fácil de ser superado. No Brasil, ainda que com muita dificuldade, as mulheres estão cada vez mais ganhando seu espaço. Com o rap não está sendo diferente as mulheres estão cada vez mais lutando para que isso aconteça.

Outra questão que também perpassa a luta pela igualdade no feminismo e que está presente no rap é o racismo. Foi possível perceber como a voz das rappers recuperam a história das mulheres negras e nesse processo potencializam o seu reconhecimento, afastando-as de uma imagem negativa construída sobre o seu corpo, como também trazem a valorização das lutas passadas, enaltecendo parte da história que foi apagada. O rap se estabelece, nesse contexto, como uma arma importante para o protagonismo das mulheres.

A (in)visibilidade da mulher no cenário nacional do rap continua sendo uma luta que como o feminismo é contínua. Mas essa continuidade conta com mulheres que estão cada vez mais emponderadas lutando para isso. Nessa pesquisa foram apresentadas algumas artistas, mas existem várias outras nesse mesmo contexto.

Acreditamos que o feminismo por meio dessas mc's irá promover mudanças nesse cenário e para que isso aconteça é necessário que as mulheres que gostam de rap também façam sua parte para contribuir com o reconhecimento dessas mc's. Juntas aumentaremos essa potência.

REFERÊNCIAS:

ALVAREZ, Sônia E., Evelina Dagnino, and Arturo Escobar. "Introdução: o cultural e o político nos movimentos sociais latino-americanos." *Cultura e política nos movimentos sociais latinoamericanos* (2000).

BARBOSA, DRIK. CAMÉLIA. LABORATÓRIO FANTASMA, 2018. YOUTUBE. In: <<https://www.youtube.com/watch?v=fcHyX1JYvIA>>

BAZEIA FOCHI, Marcos Alexandre. HIP HOP BRASILEIRO: TRIBO URBANA OU MOVIMENTO SOCIAL?. 2007. 9 p. DISSERTAÇÃO DE MESTRADO (RELAÇÕES PÚBLICAS)- FACOM, FACOM, [S.l.], 2007. 1. Disponível em: <http://www.fiap.br/revista_fiap/revista_facom/facom_17/fochi.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2018.

BIROLI, FLÁVIA; MIGUEL, LUÍS FELIPE. Feminismo e política. 1. ed. [S.l.]: BOITEMPO, 2014. 164 p.

CONKÁ, MC CAROL KAROL. 100% FEMINISTA. Heavy Baile Sounds & Skol Music, 2016. YOUTUBE. In: <<https://www.youtube.com/watch?v=W05v0B59K5s>>

DE ALBUQUERQUE, Gregorio Galvão; CHAVES, Maria Clara; REIS, Renata (Org.). Cultura, Politecnia e imagem. Rio de Janeiro: [s.n.], 2017. 283 p. Disponível em: <http://www.epsiv.fiocruz.br/sites/default/files/livro_cultura_politecnia.pdf>. Acesso em: 17 set. 2018.

DE MACHADO, Sergio José. Acorda hip hop. 1. ed. [S.l.]: AEROPLANO, 2007. 455 p. v. 1.

Documentário: 25 DE JULHO - O FILME, O Feminismo negro contado em primeira pessoa. Documentarista: Avelino Regicida, Produção: Morro Produções, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=J6ev2V-Ee3U>>. Acesso em 17 set.2018.

DR, Dj. Acorda hip hop: Despertando um movimento em transformação. [S.l.: s.n.], 2007. 458 p. v. 1. Disponível em: <https://issuu.com/tramas urbanas/docs/acorda_hip_hop>. Acesso em: 17 set. 2018.

EMICIDA, TREPadeira. LABORATÓRIO FANTASMA, 2014. YOUTUBE. In:
<<https://www.youtube.com/watch?v=vUjb8tQNDJQ>>

FÓRUM: MC CAROL: EU NASCI FEMINISTA. 2016. Disponível em:
<<https://www.revistaforum.com.br/semanal/mc-carol-eu-nasci-feminista1/>>. Acesso em:
08 dez. 2018.

GOOGLE: SLAM DAS MINAS. 1. 2018. Disponível em:
<<https://www.google.com.br/search?q=slam+das+minas&oq=slam+das+&aqs=chrome.0.012j69i57j0l3.2253j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>>. Acesso em: 08 dez. 2018.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo social. Revista de Sociologia da USP.** São Paulo, v.26, n.01, nov, 2014, p. 61-72.

KERGOAT, DANIELE. O cuidado e a imbricação das relações sociais. IN: ABREU, Alice R.P; HIRATA, Helena; LOMBARDI, Maria R. (ORGS). “Gênero e trabalho no Brasil e na França” São Paulo, Boitempo, 2016, p.17-26.

LAST: KAROL CONKÁ. Disponível em:
<<https://www.last.fm/pt/music/Karol+Conka/+wiki>>. Acesso em: 08 dez. 2018.

LAST: DRIK BARBOSA. Disponível em:
<<https://www.last.fm/pt/music/Drik+Barbosa/+wiki>>. Acesso em: 08 dez. 2018.

MEDEIROS, Pamela Silva; SILVA, Heitor da Luz. Elas na batalha: um levantamento sobre o gênero musical rap e a presença das mulheres nesse processo. In: Intercom, Belo Horizonte, MG, 2018. Disponível em: <https://www.portalintercom.br>

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. Feminismo e política. isabella marcatti. ed. [S.l.: s.n.], 2014. 162 p. v. 1.

MINAS, DRIK BARBOSA SLAM DAS. et al. TRINCHEIRA. LABORATÓRIO FANTASMA, 2018. YOUTUBE. In:
<<https://www.youtube.com/watch?v=OjqmuPw3NGk>>

NOVA ESCOLA: OS FATOS HISTÓRICOS QUE MARCARAM AS CONQUISTAS DAS MULHERES. 1. 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/3522/os-fatos-historicos-que-marcaram-as-conquistas-das-mulheres>>. Acesso em: 08 dez. 2018.

NEPOMUCENO, Bebel. "Mulheres negras—protagonismo ignorado." *Nova história das mulheres no Brasil* (2012): 382-409.

NOS TEMPOS DA SÃO BENTO. Direção de Guilherme Botelho. Roteiro: Guilherme Botelho. 2010. P&B.

O SOM DO TEMPO. Direção de Arthur Moura. Produção de Gabriel Moreno. Roteiro: Arthur Moura. Música: Chama Os Mulekes. 2017. P&B.

PENSADOR, GABRIEL O. TREPadeira. 1993. YOUTUBE. In: <https://www.youtube.com/watch?v=XIsqSBE6w74>>

POSTALI, THÍFANI. "O hip-hop estadunidense e a tradução cultural brasileira." *Revista Cultura Crítica, São Paulo* 14 (2010): 7-15.

ROCHA, Alessandro Rodrigues; ROCHA, José Geraldo; OLIVEIRA, Rosane Cristina. O protagonismo feminino nas religiões de matrizes africanas. In: *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, n. 42, 2016, p. 38-53. Disponível em: www.unigranrio.br

RODRIGUES, Maria N. M; MENEZES, Jaileila de A. Jovens mulheres: reflexões sobre juventude e gênero a partir do Movimento Hip Hop. In: *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, vol. 12, núm. 2, julio-diciembre, 2014, pp. 703-715.

Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/773/77331488013.pdf>. Acesso em: ago. 2018.

SANTOS. Sandra Mara Pereira dos. Relação de Gênero no cenário do rap nacional: mulheres negras e brancas. In: <http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cjaba/n1/32.pdf>

Soihet, Rachel, and Joana Maria Pedro. "A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero." *Revista Brasileira de História* 27.54 (2007).

TIBURI, Márcia. "Feminismo em comum: para todas, todes e todos." *Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos* (2018).

WELLER, Wivian. A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. In: *Estudos Feministas, Florianópolis*, 13(1), janeiro-abril/2005, p.107- 216.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n1/a08v13n1> Acesso em : ago. 2018.

ANEXOS- MÚSICAS ANALISADAS

[Lôraburra](#)

[Gabriel O Pensador](#)

[MTV ao Vivo - Gabriel O Pensador](#)

Existem mulheres que são uma beleza
Mas quando abrem a boca
Hmm que tristeza!
Não não é o seu hálito que apodrece o ar
O problema é o que elas falam que não dá pra agüentar
Nada na cabeça
Personalidade fraca
Tem a feminilidade e a sensualidade de uma vaca
Produzidas com roupinhas da estação
Que viram no anúncio da televisão
Milhões de pessoas transitam pelas ruas mas conhecemos facilmente esse tipo de perua
Bundinha empinada pra mostrar que é bonita
E a cabeça parafinada pra ficar igual paquita

Lôira búrra!
Lôira búrra!
Lôira búrra!
Lôira búrra!

Elas estão em toda parte do meu Rio de Janeiro
E às vezes me interrogo se elas tão no mundo inteiro
À procura de carros
À procura de dinheiro
O lugar dessas cadelas era mesmo no puteiro
Só se preocupam em chamar a atenção
Não pelas idéias mas pelo burrão
Não pensam em nada
Só querem badalar
Estar na moda tirar onda beber e fumar
Cadelinhas de boate ou ratinhas de praia
Apenas os otários aturam a sua laia
E enquanto o playboy te dá dinheiro e atenção
Eu só saio com você se for pra ser o Ricardão

Lôrabúrria!
Lôrabúrria!
Lôrabúrria!

Lôrabúrra!

Não eu não sou machista
Exigente talvez
Mas eu quero mulheres inteligentes
Não vocês
Vocês são o mais puro retrato da falsidade
Desculpa amor
Mas eu prefiro mulher de verdade
Você é medíocre e ainda sim orgulhosa
Lôraburra
Não tá com nada e tá prosa
E o seu jeito forçado de falar é deprimente
Já entendi seu problema
Vocês tão muito carentes
Mas eu só vou te usar
Você não é nada pra mim
(Hmm meu amor
Foi bom pra você?)
...Ah deixa eu dormir
Pra que dar atenção pra quem não sabe conversar?
Pra falar sobre o tempo ou sobre como estava o mar? Não
Eu prefiro dormir
Sai daqui
Eu já fui bem claro mas vou repetir
E pra voce me entender vou ser ate mais direto:
Lôrabúrra, cê não passa de mulher-objeto

Lôrabúrra!

Lôrabúrra!

Lôrabúrra!

Lôrabúrra!

Escravas da moda vocês são todas iguais
Cabelos, sorrisos e gestos artificiais
idéias banais e como dizem os Racionais:
(Mulheres vulgares
Uma noite e nada mais)
Lôrabúrra você e vulgar sim
Seus valores são deturpados você é leviana
Pensa que está com tudo mas se engana em sua frágil cabecinha de porcelana
A sua filosofia é ser bonita e gostosa
Fora disso é uma sebosa tapada e preconceituosa
Seus lindos peitos não merecem respeito
Marionetes alienadas vocês não têm jeito
Eu não sou agressivo

Contudente talvez
O Pensador dá valor às mulheres
Mas não vocês
Vocês são o mais puro retrato da falsidade
Desculpa amor
Mas eu prefiro mulher de verdade

Lôrabúrra!
Lôrabúrra!
Lôrabúrra!
Lôrabúrra!

É o problema não tá no cabelo
Tá na cabeça
Não se esqueça
Nem todas são sócias da farmácia (Lorácia)
Tem muita Lôrabúrra de cabelo preto e castanho por aí
É... Lôrabúrra morena, ruiva, preta...
Lôrabúrra careca
E tem a Lôrabúrra natural também (Loraça belzebúrra)
Cada Lôrabúrra é de um jeito mas todas são iguais
Cê tá me entendendo?
(Eu gosto é de mulher)

Lôira búrra!
Lôria búrra!
Lôria búrra!
Lôria búrra!

Compositor: Gabriel, O Pensador

Referência: <<https://www.vagalume.com.br/gabriel-pensador/loraburra.html>>

[Trepadeira](#)(Part. [Wilson das Neves](#))

[Emicida](#)

[O Glorioso Retorno De Quem Nunca Esteve Aqui](#)

Margarida era rosa, bela
Cheirosa e grampola, tipo casa das camélias
Gostosa, bromélia, toda prosa
A me enlouquecer, bela, tipo um ipê, frondosa

É um lírio, causa delírios, líria
Vício é vigiar, chique como orquídea
Ahh, cabelos como samambaia e xaxim
Flô, perto dela as outras são capim pô
Girassol violeta, beleza violenta
Passou aqui como se o mundo gritasse arrasa bi!
Flor de laranjeira ou primavera inteira são
Flores e mais flores todas as cores da feira, irmão
"ô, essa nega é trepadeira, hein"
Minha tulipa! a fama dela na favela
Enquanto eu dava uma ripa
Tru, azeda o caruru
Os manos me falavam que essa mina dava mais
Do que chuchu
Ai é problema, hein, você é loco

Você era o cravo ela era a rosa, e cá entre nós
Gatinha, quem não fica bravo dando sol e água
E vendo brotar erva daninha
Chamei de banquete era fim de feira
Estendi o tapete mas ela é rueira
Dei todo amor, tratei como flor
Mas no fim era uma trepadeira

Mamãe olhou e me disse "isso ai é igual trevo de 3 folhas
Quer comer, come. mas não dá sorte"
Vai, brinca com a sorte

Bem me quer, mal me quer, ó
Nosso amor perfeito amargou, tipo jiló
Maria sem vergonha, eu, burro, chamei de trevo de 4 folhas
In love, enraizou, fundo
Mas você não dá, ou melhor dá, mas pra tudo mundo
Eu quis te ver de jasmim, firmeza
No altar, preza, branquinho, olha, magnólia, beleza
Victoria régia, brincos de princesa
Azaleia pura, madre teresa
Mas não
Você me quis salgueiro chorão, costela de adão
Raspou o cabelo de sansão
E tu vem, meu coração parte e grita assim
"arrasa biscate! "
Merece era uma surra, de espada de são jorge (é)
Chá de "comigo ninguém pode"
Eu vou botar seu nome na macumba, viu
Então segura

Você era o cravo ela era a rosa, e cai entre nós
Gatinha, quem não fica bravo dando sol e água
E vendo brotar erva daninha
Chamei de banquete era fim de feira
Estendi o tapete mas ela é rueira
Dei todo amor, tratei como flor
Mas no fim era uma trepadeira

Wilson das neves: tá vendo ai parceiro?
Emicida: o que?
Wilson das neves: fui dar assunto, ai, virou bagunça
Me esculachou. por sorte
Emicida: que sorte hein
Wilson das neves: também agora sai fora, xô xô
Emicida: vai embora, pode descer a ladeira
Wilson das neves: xô, xô
Risadas
Emicida: sai, sai andando. não merecia nem essa rap
Gastando tinta com isso ai? tá loco
Wilson das neves: mas que era bom era
Emicida: isso é verdade
Risadas

Referência: <<https://www.vagalume.com.br/emicida/trepadeira-part-wilson-das-neves.html>>

100% Feminista(part. Karol Conká)

[Mc Carol](#)

[Bandida](#)

Presenciei tudo isso dentro da minha família
Mulher com olho roxo espancada todo dia
Eu tinha uns cinco anos, mas já entendia
Que mulher apanha se não fizer comida
Mulher oprimida, sem voz, obediente
Quando eu crescer eu vou ser diferente

Eu cresci, prazer carol bandida
Represento as mulheres, 100 por cento feminista
Eu cresci, prazer carol bandida
Represento as mulheres, 100 por cento feminista

Represento aqualtune, represento carolina
Represento dandara e xica da silva
Sou mulher, sou negra, meu cabelo é duro
Forte, autoritária
E às vezes frágil, eu assumo
Minha fragilidade não diminui minha força
Eu que mando nessa porra
Eu não vou lavar a louça
Sou mulher independente não aceito opressão
Abaixa sua voz, abaixa sua mão

Mais respeito
Sou mulher destemida
Minha marra vem do gueto
Se tavam querendo peso
Então toma esse dueto
Desde pequenas aprendemos
Que silêncio não soluciona
Que a revolta vem à tona
Pois a justiça não funciona
Me ensinaram que éramos insuficientes
Discordei, pra ser ouvida o grito
Tem que ser potente

Eu cresci, prazer karol bandida
Represento as mulheres, 100 por cento feminista
Eu cresci, prazer karol bandida
Represento as mulheres, 100 por cento feminista

Represento nina, elsa, dona celestina
Represento zeferina, frida, dona brasilina
Tentam nos confundir
Distorcem tudo que eu sei
Século Xxi e ainda querem nos limitar
Com novas leis
A falta de informação enfraquece a mente
Tô no mar crescente porque eu faço diferente

Eu cresci, prazer carol bandida
Represento as mulheres, 100 por cento feminista
Eu cresci, prazer karol bandida
Represento as mulheres, 100 por cento feminista
Eu cresci, prazer carol bandida
Represento as mulheres, 100 por cento feminista

Eu cresci, prazer karol bandida
Represento as mulheres, 100 por cento feminista

Referência: <<https://www.vagalume.com.br/mc-carol/100-feminista.html>>

Trincheira #ElasSim (part. Slam Das Minas)

Drik Barbosa

Carrego a palavra Patuá
Como quem anseia sorte
Coloco ela à frente pra ter rumo
Norte

A mesma vira escudo, adaga
Revide, morada
É tipo ter um corpo feito de água salgada
Se equilibrar nas próprias ondas
Que teme tudo e não teme nada
É aprender com o mar a retroceder e atacar

Relembrar e saudar quem veio antes
Angela, Conceição, Carolina, Maria e Clementina
Sementes, buquês, Espertirina
Compor poesia combustão
Pra dar base aos pés e força nas mãos

Decorar dialetos em yorubá
Cantar cantigas para Odojá
E se preciso for
Fazer poemas, mandingas
Pra se auto resguardar

Escrever para garantir o pão de cada dia
Pedir benção pra quem já garantiu o pão
Rezar pela cria que tá na barriga
São simples os caminhos
Da palavra proteção

Revide proteção
Escrita viva é munição
Mulher, palavra pro mundo
É quem dá direção
Revide proteção
Escrita viva é munição
Mulher, palavra pro mundo
É quem dá direção

Planto sementes de fala pra crescer raiz palavra
Reconheci essa força que me sustenta de forma sagrada
Fiz da escrita minha espada mais afiada
Mastiguei o verbo e te entreguei
Como oferenda numa bandeja de prata

Navego verso livre na folha
Quando o pensamento algema
Deixo a correnteza fluir
E transbordo poema

Me deram a caneta e eu escrevi
Com o microfone não foi diferente
Hoje registro a história que vivo aqui
Pra evocar a memória de meus antecedentes

Ouvi o chamado dos ventos
Ouvi o chamado dos ventos
Guardei um trovão no peito como talismã
E escrevi meus próprios enredos
Sob as bênçãos de minha mãe Iansã

PUBLICIDADE

Girassóis quando inicio poema
A sombra não me cabe
Escrevo pra pincelar minha alma com outro tema
Já escrevi sobre buraco e tecidos da vida
O livro que me livra
Espada de São Jorge na entrada é mandinga

Hoje brota e diz
Que é poesia no toco pra encher o oco
A palavra me transborda a boca e escorre
Até os meus pés e enlaça tudo o que sou
Das águas do meu Ori à terra do meu sol
Ora Yê Yé Ô no papel
O que seriam das minhas mãos sem o mergulho da caneta?
Para as que passaram e para as que virão
Escrevo para estalos de espetáculos que fora outrora silenciados
Me fiz poeta pra dar um bote nesse mundo
Agora articulada e dona das minhas próprias palavras

Revide proteção
Escrita viva é munição
Mulher, palavra pro mundo
É quem dá direção
Revide proteção
Escrita viva é munição

Mulher, palavra pro mundo
É quem dá direção

Chama, chama, chama, chama, chama
Cheguei!

Prazer, escritora
Autodidata, geneticamente avançada
Vigiando e sendo guardada
Leoa da selva jamais enjaulada

Na contra mão das linguagem
Eu tô me lixando se os boy num entendeu
Criptografia
Não codificou?
Esse é o mistério da quebra
Moscou, o cabelo avuou

Cês me limita em letramento
Onde a escola é treinamento
De quem aguenta por mais tempo
O não pertencimento

Quando falar não foi uma opção
Escrever foi salvação
A palavra é proteção da nossa história
E reconhecimento, antes não tinha autoestima
Hoje folgada, vivona e vivo
Bem colocada, armada de informação
Cada pedaço meu é letra de funk e inspiração

Palavra é palavra, memo no sentido amplo
Não só conto, rima, verso ou prosa
Proteção como palavra
É pedir bênção pra sua vó
Salve, dona Rosa! (Salve!)

Filha da cachoeira
Cria da cidade de concreto
Falo alto, falo fino, falo mesmo
Quando poemo, sinto

Costurar palavras
É arte de peito exposto
Pulsando o eco da gente

O oco do meu sexo
Não define o eu pessoa
Silêncio não é palavra feminina

A voz tem força
Que a boca desconhece

Pensamentos versam e guiam o caminhar
Poesia oração
É alimento e armadura
As letras que me vestem
Rabiscam a fé que me ergue

Mulher é bicho-gente
Que sangra e que sonha
Eu lírica, sou grande

Minhas rimas são refúgio
Dever me chama
Tudo em chamas, nós é salvação
Chama!
Somos coragem que inflama
Língua Franca, palavra é proteção e manta

Poesia que eleva, sou flor que liberta
Me visto de amor, enfrento mundo
Causo mudança de hábito
Bem Lauryn Hill, na caneta ganho o mundo

Minha fala é tática que muda estatísticas
Que nos fazem vítimas
Tô tocando mais corações que cardiologista
Minha fala é legítima

Visto preto por dentro e por fora, bora
Serena na quadra, marcando pontos
Ritmo e poesia conto minha história
Missão de curar toda vez que canto

(Chama!)

Revide proteção
Escrita viva é munição
Mulher, palavra pro mundo
É quem dá direção
Revide proteção
Escrita viva é munição
Mulher, palavra pro mundo
É quem dá direção

Revide proteção
Escrita viva é munição
Mulher, palavra pro mundo
É quem dá direção
Revide proteção
Escrita viva é munição

Mulher, palavra pro mundo
É quem dá direção

É quem dá direção
É quem dá direção
É quem dá direção
É quem dá direção

Referência: <<https://www.lettras.mus.br/drik-barbosa/trincheira-elassim-part-slam-das-minas/>>

Camélia

[Drik Barbosa](#)

Ororo de quebra ateio fogo nesses pelá que tem o ego entre as perna, pode crer! Meu flow tipo flexa, miro e quando te acerta faz seu coração tremer

Vim pra te acordar
Fazer toda preta se amar
mais que o Kanye ama o Kanye
Camélia liberta, passo dos comédia
pra tocar o céu tipo Kanye

Flow Taís Araujo fi
Colocando o mundo na palma da mão
É a Xica da Silva com a arma na mão
minha arma tá atirando informação

Minhas rima te choca, é o Rap em ação
Essas mina te choca, bem Nina Simone
foda desde antes, poetisa sou
Foco na missão então faço por onde

Meu signo é terra mas minhas linha é fogo
Eu tô tipo a Iza no flow pesadão
Essa é minha lei e tipo o Rael
tô seguindo as batida do coração

Pergunta pra Bey o que se faz com um limão!
Responde pra mim o que cê faz com um milhão?
É bom grana no bolso mas se essa grana dita o jogo ela te tem na mão

Somos mulheres correndo com lobos
dançando ao som de Alice Coltrane

Quero luz e aceito pouco
minha missão vai muito além de Rap Game

Ser preta no corre é tipo o filme "Corra"
Não vivo de sorte, aqui é viva ou morra
pode crer
Camélia resgatando mentes
quebrando as correntes que prendem você

Camélias dão voltas no mundo
Tirando as correntes dos punhos
Não sou mais escrava do mundo
Não sou mais refém desse mundo
não
Camélias dão voltas no mundo
Tirando as correntes dos punhos
Não sou mais escrava do mundo
Não sou mais refém desse mundo
não

Meus verso são barras de ouro, quebradas são minas de ouro, bota fé
Essas mina tem alma de ouro
banhada de ouro vestida com a própria fé

Minha arte é a minha respiração
não crio em vão, não! É pra ascender!
Com os pés no chão por escolha
não porque tem algo que vá me prender

Várias negra drama tão sem incentivo
ainda quer saber porque eu rimo?
O sistema é cruel e segue oprimindo
é por isso que eu digo o que digo

Ceis teima em ficar na zona de conforto
enquanto enfrentamo a na zona de confronto
Quando é você que oprimi é dahora e viável falar mal da luta do outro, né jão?

Então pega a visão
Já chegou o dia da coroação
Na vida real sem análise e reação
nem pedi sua opinião

Só eu sei o que eu passo, pisei nesses cacos
sangrei nesses passos mas aprendi
guiar meu instinto, criar os caminhos

que não me machuquem mais

No reino de cobras ceis são rei
Eu só quero glória eu já penei
Sou cria da nova e da velha escola
tirei nota 10 quero as de 100

O Rap é fato
ceis não breca o sonho
Lab Fantasma realiza sonhos
Rimas e Melodias cantando o sonho
Sempre pronta pro jogo e eu sempre ganho

Camélias dão voltas no mundo
Tirando as correntes dos punhos
Não sou mais escrava do mundo
Não sou mais refém desse mundo
não
Camélias dão voltas no mundo
Tirando as correntes dos punhos
Não sou mais escrava do mundo
Não sou mais refém desse mundo
não

Referência: <<https://www.vagalume.com.br/drik-barbosa/camelia.html>>